

A TEORIA QUEER E O CONCEITO DE ALTERIDADE NA CONSTRUÇÃO DOS CONTOS DE CAIO FERNANDO ABREU¹

Queer Theory and the concept of otherness in the construction of Caio Fernando Abreu's short stories

Luciane de Lima PAIM
Programa de Pós-Graduação em Letras
Universidade Federal de Santa Maria
lucianelettras15@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-9842-9224>

Patrini Viero FEREIRA
Programa de Pós-Graduação em Letras
Universidade Federal de Santa Maria
patyvii02@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-2117-1821>

RESUMO: Entendemos que a literatura contemporânea vem ultrapassando barreiras ao apresentar-nos obras tão próximas da realidade e enaltecendo a voz de um grupo que dificilmente obtinha o direito de falar: os que vivem à margem. Assim sendo, o objetivo deste trabalho é analisar, com base nos conceitos de alteridade e da Teoria Queer, os contos “Dama da Noite” e “O rapaz mais triste do mundo”, inseridos no livro *Os dragões não conhecem o paraíso*, de Caio Fernando Abreu. Buscamos, com este estudo, compreender qual o papel do conceito de alteridade na construção de escritos como o de Caio, além de viabilizar estudos que abordem a Teoria Queer como um dos pontos centrais das narrativas. Para tanto, desenvolvemos uma pesquisa de cunho bibliográfico, juntamente com as análises literárias das narrativas, a fim de estabelecer relações entre a teoria e os contextos envoltos nos contos do autor supracitado. Como base teórica, nos apoiamos em autores como Judith Butler, Guacira Louro, Mário César Lugarinho, dentre outros. Por fim, concluímos que tal estudo abordou, de forma sucinta, as narrativas, os estereótipos particulares da sociedade e como o autor usa a literatura para a contestação da discriminação, da repressão, da violência, do autoritarismo e do preconceito.

¹ Este artigo é fruto de uma pesquisa desenvolvida na disciplina de “Literatura e Figurações da Alteridade”, do curso de Doutorado em Letras, do Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Santa Maria.



PALAVRAS-CHAVE: Teoria *Queer*; Figurações da Alteridade; Contos Brasileiros; Caio Fernando Abreu. *Os dragões não conhecem o paraíso*.

ABSTRACT: We understand that contemporary literature has been overcoming barriers by presenting us works so close to reality and praising the voice of a group that hardly ever had the right to speak, those who live on the margins. Therefore, the objective of this work is to analyze, based on the concepts of alterity and queer theory, the short stories “Dama da Noite” and “O rapaz mais triste do mundo”, included in the book *Os dragões não conhecem o paraíso*, by Caio Fernando Abreu. With this study, we seek to understand the role of the concept of otherness in the construction of Caio’s writings and, also, to enable studies that approach the queer theory as one of the central points of the narratives. Thus, we developed a bibliographical research, together with literary analyses of the narratives, in order to establish relations between the theory and the contexts involved in the short stories of the aforementioned author. As a theoretical basis, we rely on authors such as Judith Butler, Guacira Louro, and Mário César Lugarinho, among others. Finally, we conclude that this study succinctly addresses the narratives, the particular stereotypes of society, and how the author uses literature to contest discrimination, repression, violence, authoritarianism, and prejudice.

KEYWORDS: Queer Theory; Figurations of Otherness; Brazilian Short Stories; Caio Fernando Abreu; Os dragões não conhecem o paraíso

INTRODUÇÃO

Compreendemos que o acervo de literatura brasileira contemporânea, principalmente a prosa, foi ganhando mais espaço ao dar voz aos marginalizados e trazendo ao leitor histórias que se comparavam à realidade. Por volta dos anos 70, a literatura sofreu grande influência relacionada à crítica literária e à Ditadura Militar, através de uma busca por inovações estéticas na expressão dos escritos. Autores como Caio Fernando Abreu foram os responsáveis por trazer novas temáticas e novas formas de relacionar literatura e sociedade nos anos 70.

Nesse sentido, esses autores reuniram aspectos como inovação estética e denúncia social em um único lugar: na literatura. Isso causou muita discussão, visto que a sociedade da época estava inserida em um contexto de repressão e opressão social. Assim, ao trazer ao público temas como violência, repressão, homossexualidade, AIDS, exclusão social e fuga da realidade, as obras de Caio, por exemplo, foram obrigadas a reunir recursos

formais associados à literatura moderna, especialmente quando reiteramos a exposição de temas polêmicos, a qual, por meio da narrativa tradicional, ajudaria na sua censura.

Isto posto, entendemos a importância de estudos e análises referentes à Teoria *Queer* e à alteridade inseridas nessas obras, uma vez que tais conceitos podem ser relevantes para a explicação de muitas inquietações diante da produção desse tipo de literatura, o qual expõe questões culturais, políticas, sociais e econômicas pelo viés da aproximação com a realidade, a fim de expor os grandes problemas enfrentados pela classe dominada. Ademais, os autores da época sentiram a necessidade em ampliar a produção dos discursos literários, levando-os a uma constante e gradativa transdisciplinaridade em suas reflexões, abordando novas questões, tais como: etnia, nacionalidade, orientação sexual, preconceitos, violência, opressão, exclusão social, cultural e econômica.

Nesse contexto, o objetivo das questões literárias passou a ser a “desconstrução” da tradição literária, principalmente aquela baseada no modelo heteronormativo, masculino, heterossexual, cristão, burguês e de cultura predominantemente branca. Assim, ao quebrar barreiras e apresentar algo novo no âmbito da literatura contemporânea brasileira, Caio Fernando Abreu, considerado um dos principais contistas do Brasil, escreveu suas histórias, por volta dos anos 70 e 80, acima dos convencionalismos de qualquer ordem, evidenciando uma temática própria.

Nesse mesmo período, surgiu, nos Estados Unidos, a *Queer Theory*, também acentuada nos estudos feministas da pesquisadora Judith Butler (2008) sobre a crítica estadunidense e diretamente relacionada aos Estudos Culturais e ao pós-estruturalismo francês. Vale destacar, ainda, que tal teoria teve como referências ideias teóricas dos franceses Michel Foucault e Jacques Derrida. Ademais, não há como mencionar e analisar um texto com base na Teoria *Queer* sem estabelecer uma relação com o conceito de alteridade, visto que as obras de Caio contaram com o vínculo comparativo da alteridade, do *status quo* e da identidade de gêneros existentes nos textos.

Portanto, o objetivo deste artigo é analisar, com base nos conceitos de alteridade e da Teoria *Queer*, os contos “Dama da Noite” e “O rapaz mais triste do mundo”, inseridos no livro *Os dragões não conhecem o paraíso* (1988), de Caio Fernando Abreu. Buscamos, com este estudo, compreender qual o papel do conceito de alteridade na construção de escritos como o de Caio Fernando Abreu e viabilizar estudos que abordem a Teoria *Queer* como um dos pontos centrais das narrativas. Para tanto, este texto será dividido em três partes: A primeira apresentará teorias e conceitos relacionados à Teoria *Queer* e à alteridade, com base em teóricos como Judith Butler, Guacira Louro, Mário César Lugarinho, Jodelet, Gusmão, dentre outros. Já a segunda parte do artigo, concentra-se

em analisar os contos supracitados, a partir da Teoria *Queer* e do conceito de alteridade, além de identificar como essas convicções estão inseridas dentro dos contos. E, por fim, a última parte do artigo apresentará as conclusões obtidas diante da pesquisa e da análise.

OS CAMINHOS PERCORRIDOS PELA TEORIA *QUEER* E PELA ALTERIDADE

No final dos anos sessenta, a expressão *Queer* passou a se constituir como uma maneira de autoidentificação, uma forma de expressar categorias de gêneros identificadas através da perspectiva de oposição e contestação. A expressão, ainda, tem como finalidade questionar, problematizar e procurar discutir o universo cultural de um grupo marginalizado, sem voz e sem direitos, que vive em uma sociedade moldada com estereótipos de cunho patriarcal, hegemônico, preconceituoso e heteronormativo.

Além disso, dentro dessa concepção da expressão *Queer*, destacamos, principalmente, a inexistência de identidades de gêneros fixos, habilitados para determinar o que cada pessoa é em relação à sua “conduta sexual”. Surge, assim, o termo pós-teoria estruturalista, denominado *Queer Theory*. Dessa forma, consideramos importante destacar o que Alós afirma em "Narrativas da sexualidade: pressupostos para uma poética queer" (2010). Segundo o autor:

O termo *queer* possui, em inglês, uma saturada carga política, intraduzível para o português ou o castelhano. *Queer*, em inglês, significa bizarro, estranho, anormal. É também um potente vocábulo mobilizado pelo *hate speech* (o “discurso do ódio”), no sentido de agredir verbalmente gays, lésbicas, bissexuais e travestis. ‘Sapatão’, ‘puto’, ‘bicha’ e ‘viado’ seriam traduções aproximadas para esse sentido do termo em português, assim como ‘rosquete’, ‘maricón’ e ‘marimacha’ seriam alguns de seus correspondentes em castelhano. O estratagema retórico mobilizado pelos teóricos *queer* na academia estadunidense, nesse sentido, é o de ‘reapropriar-se’ de um termo cujo uso corrente é da ordem do pejorativo, em um gesto que recupera a possibilidade de uma ‘autodesignação’ para estes sujeitos sociais, ao mesmo tempo em que ‘desarma’ o discurso homofóbico e heteronormativo através do desmantelamento da carga semântica negativa de seus itens lexicais fundamentais (ALÓS, 2010, p. 854).

Isto posto, compreendemos que a Teoria *Queer* obteve o apoio e a propagação do conceito por parte de inúmeros intelectuais engajados a esse crescente movimento. Estes, por volta da década de 1990, começaram a usar o termo para descrever textos fundamentados em novas propostas e perspectivas teóricas, ressaltando, de forma

significativa, o impacto ao *status quo* que o antecedia, sem desvincular-se da política de identidade da teoria. A denominação assume, ainda, um caráter exclusivo e assimilador, o qual tinha como propósito a aceitação e a integração dos sujeitos marginalizados dentro da sociedade. Nesse sentido, podemos concordar com o que Alós (2010) destaca, já que:

A Teoria *Queer* possibilita uma ruptura epistemológica que desloca as noções tradicionais do sujeito como único, substituindo o conceito de um ‘eu’ singular e unívoco pelo de um ‘eu’ concebido performativamente através de um processo no qual são mobilizados atos repetitivos e estilizados. Ao invés de privilegiar a origem, a autonomia e o centramento, a concepção *queer* do sujeito privilegia a dispersão, a improvisação e a descontinuidade. O pertencimento nacional, racial ou de gênero implica diferentes experimentações da existência, irredutíveis umas às outras. O recurso à ideia de uma, ou várias, ‘subjetividade(s)’ torna-se inevitável nesse contexto. É necessário pensar no sujeito como a construção de um interesse a dar coerência a um corpo, como o efeito de inúmeras relações sociais (ALÓS, 2010, p. 856).

Assim sendo, entendemos que a Teoria *Queer* visa explicitar e analisar os processos de constituição social e cultural, a partir de uma perspectiva engajada com os grupos socialmente marginalizados e excluídos. Busca-se, dessa forma, aceitar a formação das identidades socioculturais, entendendo a ambiguidade, a multiplicidade e as diferenças como formas de pensar a cultura, o conhecimento, o poder e, principalmente, as relações sociais. Neste caso, não há como deixar de mencionar que, obrigatoriamente, é fundamental e necessária a capacidade de compreender como as relações de conflitos sociais, baseadas nos princípios da Teoria *Queer*, estão, cada vez mais, incluídos em obras literárias definidas como novas tendências literárias pós-estruturalistas. Valendo-se disso, podemos, ainda, ir ao encontro do que nos apresenta Mário César Lugarinho (2001, p. 36), ao destacar que a teoria supracitada “tenta dar conta nitidamente do excêntrico em termo de gêneros à medida que parte do princípio de que a orientação sexual difere da identidade sexual e da sua própria sexualidade biológica”.

Nessa mesma linha de raciocínio, Guacira Lopes Louro, em “Um corpo estranho” (2004), conceitua o termo *queer* como:

[...] tudo isso: estranho, raro, esquisito. *Queer* é, também, o sujeito da sexualidade desviante – homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis, drags. É o excêntrico que não deseja ser integrado e muito menos tolerado. *Queer* é um jeito de pensar e de ser que não aspira o centro nem o quer como referência; um jeito de pensar e ser que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do

entre lugares, do indecidível. *Queer* é um corpo estranho, que incomoda, perturba, provoca e fascina (LOURO, 2004, p. 7-8).

Enfim, podemos afirmar que, com o crescimento de discussões, pesquisas, análises e produções que englobam novas propostas ideológicas e através da diversidade e da multiplicidade temática advinda da Teoria *Queer*, fica visível e de extrema importância a obrigação de aceitar a diferença, não apenas como uma categoria a ser estudada, mas também, como um obstáculo a ser vencido na dimensão das relações institucionais, sociais e culturais. Nesse contexto, fica evidente a diferença, ora como alteridade, ora como divisão, ou, ainda, como um aspecto importante a ser refletido, especialmente pelo sujeito que a enfrenta, visto que é pertinente interpretar a possibilidade de que é preciso estar sensibilizado ou atingido por ela para poder compreendê-la.

É nesse contexto que surge a questão de uma literatura que apresente questões referentes à alteridade, a fim de problematizar discussões acerca do que vem sido apresentado e produzido no campo literário. Nesse sentido, é importante esclarecer que consideramos o conceito de alteridade como o encontro com o outro, resultando na compreensão desse outro como parte integrante de um conjunto que completa o “todo”, pois todos são importantes e devem saber reconhecer e aceitar os outros, respeitando-os e procurando entender a relação dos indivíduos com os demais. Assim, a discussão em torno desse aspecto tem proporcionado consideráveis contribuições, na medida em que suas investigações resolvem apresentar o outro como diferente, desvendando suas características e especificidades.

Jodelet (2005) salienta que a questão da alteridade vem sendo apresentada, há muito tempo, através de uma diversidade de espaços intelectuais, os quais percorrem desde a Filosofia até as ciências humanas e sociais. Contudo, tal aspecto sempre se fez presente nas reflexões da Antropologia, uma vez que, para ela, a alteridade se constitui, desde a sua emergência, como um desafio a ser explicado, posto que a Antropologia se estrutura sobre a temática da cultura. Nesse sentido, o conceito de alteridade tem desenvolvido relevantes contribuições cultura e socialmente, já que, em suas investigações, apresentam o outro como diferença, desvendando suas características e especificidades. Afinal, como destaca Gusmão (1999):

[...] se no passado o outro era de fato diferente, distante e compunha uma realidade diversa daquela de meu mundo, hoje, o longe é perto e o outro é também um mesmo, uma imagem do eu invertida no espelho, capaz de confundir certezas pois, não se trata mais de outros povos,

outras línguas, outros costumes. O outro hoje, é próximo e familiar, mas não necessariamente é nosso conhecido (GUSMÃO, 1999, pp. 44-45).

Consideramos pertinente destacar, ainda, a diferença entre alteridade e identidade, visto que essa última pode ser entendida como uma esfera reconhecida, consciente, visível do processo permanente de subjetivação, a qual compreende a dimensão do invisível, do devir-outro. Além disso, Rolnik (1995, p. 152) destaca o inconsciente como “[...] a dimensão em que se produzem as diferenças, nosso desassossego”. Visível e invisível expressam, assim, vetores da subjetividade que Rolnik identifica como homem da moral e homem da ética: o primeiro é o homem da consciência, que possibilita operar no mundo vigente. O homem da ética, dessa forma, é o vetor de nossa subjetividade, que transita no invisível: “É o homem do inconsciente: operador da produção de nossa existência como obra de arte. Ele também guia nossas escolhas, só que selecionando o que favorece e o que não favorece a vida, tendo como critério a afirmação de sua potência criadora – daí porque chamá-lo de ‘ético’” (ROLNIK, 1995, p. 154-155).

No campo da arte literária, fazer tal afirmação é aparentemente simples, e ao mesmo tempo, complexo, visto que engloba um todo a um agregado anônimo que está visceralmente interligado com e às relações sociais. Este também se dissipa em composições múltiplas em inúmeras possibilidades de vir a ser o que se objetivam em cada pessoa.

CAIO FERNANDO ABREU PELOS CAMINHOS DA TEORIA QUEER E DA ALTERIDADE

Caio Fernando Abreu, ícone da Literatura Brasileira Contemporânea, é natural de Santiago do Boqueirão, RS. Aos dezessete anos, o autor saiu da casa dos pais para estudar em Porto Alegre. A partir de então, Caio alternou sua residência entre Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro e Europa, até a sua morte, em 1996. Nesse percurso de tempo, poucas foram as vezes em que retornou à sua cidade natal. No entanto, essa condição de sujeito que parte de uma cidade do interior rumo a outro lugar, comumente à metrópole, é um aspecto muito marcante em diversos textos do autor, nos quais o indivíduo que partiu sente-se como um estrangeiro ao retornar ao local de origem.

Os dragões não conhecem o paraíso (1988) é um livro de contos, no qual Caio Fernando Abreu apresenta-nos as temáticas mais usadas em obras: o amor, a homossexualidade, as questões envoltas sobre a AIDS, a violência, o autoritarismo, as discriminações, os preconceitos, as paixões e o erotismo. O autor expõe uma série

de reflexões sobre esses temas, a fim de rever os valores que oscilam entre essência e aparência. Vale ressaltar que essa é uma obra marcada por preocupações da condição do homem do seu tempo.

Dentre as diversas formas de contribuições observadas nesse contínuo processo de mutação cultural, destaca-se a figura de Caio Fernando Abreu como um revolucionário que apresenta obras desenvolvidas para além do convencionalismo de qualquer ordem, marcadas por apresentarem uma escrita densa, forte e impactante, basicamente um “soco no estômago”, além de objetivar a imposição diante do modo de produção de contos e romances convencionais. Nesse sentido, o autor pode ser considerado, em decorrência de tudo isso, como um representante da classe dos inventores desta nova forma narrativa no Brasil.

Para tanto, releva-se que, nas obras do escritor, o foco principal está sempre centrado no homem (como sujeito), muito mais do que no período ou na geração que ele poderia representar. A estética da marginalização, em Caio, está vinculada ao aspecto do “enquadramento” das fronteiras de gêneros, visto que é um dos temas mais abordados na produção ficcional do autor, chegando a ser alvo de muitas discussões abrangentes sobre a nova forma de gênero a ser apresentada.

Usufruindo da prosa como o primordial mecanismo narrativo para suas criações literárias, Caio passou a desenvolver temáticas próprias, as quais simbolizavam as experiências vivenciadas por uma sociedade oprimida e marcada pela repressão, pela violência e pela censura, cujos personagens caracterizavam-se, quase sempre, pelo desencanto e pela insatisfação com a realidade contextual da época. Essa realidade tornava-os clandestinos em uma estrutura sociocultural baseada na dominação, e essa criação é apresentada, muitas vezes, sob a ótica voltada à interioridade.

Isto apresentado, iniciamos a análise dos contos “Dama da Noite” e “O rapaz mais triste do mundo”, inseridos no livro *Os dragões não conhecem o Paraíso*, de Caio Fernando Abreu. Tal análise terá como foco a identificação e a importância da Teoria *Queer* e do conceito de alteridade nas construções dos contos, a partir das análises de cunho bibliográfico sobre os conceitos e suas relações estabelecidas com as narrativas de Caio.

O conto “Dama da Noite” é marcado por elementos literários que discorrem sobre a temática pós-moderna e, nesse caso especificamente, com algumas características da Teoria *Queer*, pois uma das particularidades do conto está na forma de narrar da personagem, que se autonomeia como Dama da noite. A forma simples e direta de expressar os pensamentos, as emoções e as angústias, usando um diálogo entre ela mesma e um interlocutor a quem se dirige chamando-o de *boy* ou “garotão”, exposta por perguntas e

respostas implícitas no texto a ele dirigido, fortemente caracteriza-se pela narrativa na forma de monólogo, o qual favorece bastante a construção da própria personagem.

A história desta Dama da Noite se passa em um bar, cenário que, para a protagonista, parece ser o lugar onde todos os excluídos e marginalizados se reúnem, por sentirem-se à vontade. Nas palavras dela: “A vida rolando por aí feito roda-gigante, com todo mundo dentro, e eu aqui parada, pateta, sentada no bar” (ABREU, 2010, p. 109).

É nítido, através da passagem apresentada e da voz da personagem, que ela tem uma vida baseada em solidão e angústia, além de que claramente percebemos o desconforto de estar inclusa no universo social dos demais e de ser acometida pelo sentimento da exclusão. Dessa forma, no fluxo de consciência exposto no decorrer do texto, a Dama da Noite expressa todos os seus sentimentos, a fim de, talvez, revelar a intenção de Caio em criticar anacronicamente as relações entre sujeito e sociedade.

Entretanto, de certa forma, isso pode vir a justificar as várias afirmações antagônicas expressas pela protagonista: em diversos fragmentos da obra, identificam-se as mudanças de opiniões sobre um mesmo assunto, visto que elas parecem conduzi-la pelo conjunto de normas, regras e princípios variáveis que regulam o comportamento, em conformidade com os interesses dos outros e do resto da sociedade.

Exemplos dessa variação ideológica podem ser identificados nas passagens em que, a princípio, ela parece acreditar e, em seguida, reafirma, de forma contraditória, a afirmação anterior. Esse aspecto pode ser percebido claramente na seguinte passagem:

Aprendi que, se eu der detalhe, você vai sacar que tenho grana, e se eu tenho grana você vai querer foder comigo só porque tenho grana. [...] Me diz quanto custa? Me diz que eu pago. Pago bebida, comida, dormida. E pago foda também, se for preciso. [...] Falso, eu tenho uns amigos, sim. Fodidos que nem eu. Prefiro não andar com eles, me fazem mal. Gente da minha idade, mesmo tipo de. Ia dizer *problema*, puro hábito: não tem problema. Você sabe, um saco. Que nem espelho: eu olho pra cara fodida deles e tá lá escrita a minha própria cara fodida, também, igualzinha à cara deles (ABREU, 2010, p. 110-112).

Nesse sentido, todos esses elementos aparecem devido à convicção do julgamento de que a ideia do “correto” está no fato de que as normas se apoiam no peso da opinião social, na convicção interior de cada um e nas suas finalidades, cujo fator determinante e decisivo que orienta a conduta dos homens é o interesse social. Em outras palavras, a opinião social de determinada classe ou povo rotula alguns atos como sendo corretos e morais, condenando outros como incorretos e imorais.

Dessa forma, fica claro porque, em uma sociedade tão marcada por ideologias hegemônicas, consciente ou inconscientemente, os homens sempre são o fruto das condições da vida imposta pela sociedade, ou seja, dos conceitos por ela determinados como “corretos”, “errados”, “bons” e “maus”. Assim, no caso específico do conto “Dama da noite”, a protagonista relaciona-se de maneira passiva no contexto sociohistórico e cultural no qual está inserida, prendendo-se a uma geração que ficou no passado e lamentando não poder fazer parte da geração atual.

Nesse sentido, a própria estilística utilizada por Caio evidencia que “Dama da noite” é a própria imagem do desencantamento e a roda sobre a qual ela tanto divaga é a imagem de uma vida que ela não quis ou não pôde seguir, excluída de uma sociedade modelo, baseada totalmente em ideologias ultrapassadas. Enfim, a narrativa é marcada pela contestação à lógica da exclusão que, em virtude de sua perpetuação, impõe padrões comportamentais para homens e mulheres e que tem como agravantes o machismo, a violência, o autoritarismo, a repressão, a homofobia e a intolerância.

No conto “O rapaz mais triste do mundo”, sucintamente, é narrado um episódio de uma noite fria, véspera do dia dos pais, quando um homem de cerca de quarenta anos, caminhando, chega a um bar – um ambiente characteristicamente urbano, aberto ao álcool, às drogas e ao sexo fácil. Ao chegar ao bar, esse homem encontra um jovem de aproximadamente vinte anos e ficam, ambos, em uma situação em que tudo pode acontecer entre eles. No entanto, nada acontece, alimentando a expectativa do encontro, que pode estender-se tanto aos dois personagens, quanto ao narrador e ao leitor.

Dessa forma, a partir dessa expectativa, o homem mais velho revive as lembranças do passado, vendo-se espelhado na rotina presente do jovem. Este, por sua vez, vê seu futuro projetado no homem de quase quarenta, em uma espécie de espelho “talvez rachado”, como destaca o próprio autor (ABREU, 2010, p. 70). Assim, depois da aproximação entre os protagonistas, a despedida entre ambos, ocasionada pelo fechamento do bar e chegada do dia, parece resultar nas experiências subjetivas de cada um dos envolvidos na obra. Isso porque ela faz o leitor compreender que os dois personagens se encontram em estado de estranhamento com o mundo por não se enquadrarem nas ideologias hegemônicas, autoritárias e violentas estipuladas pelo mundo moderno, culturalmente baseado em padrões normativos.

Ademais, cabe ainda destacar que Caio apresenta uma narrativa que descreve, de forma detalhada, essa caminhada do homem solitário pelas ruas noturnas de uma cidade urbana até um bar, cenário minuciosamente descrito no conto como:

UM AQUÁRIO de águas sujas, à noite e a névoa da noite onde eles navegam sem me ver, peixes cegos ignorantes de seu caminho inevitável em direção um ao outro e a mim. Pleno inverno gelado, agosto e madrugada na esquina da loja funerária eles navegam entre punks, mendigos, neons, prostitutas e gemidos de sintetizador eletrônico - sons, algas, águas - soltos no espaço que separa o bar maldito das trevas do parque, na cidade que não é nem será mais a de um deles. Porque as cidades, como as pessoas ocasionais e os apartamentos alugados, foram feitas para serem abandonadas - reflete, enquanto navega (ABREU, 2010, p. 65).

Isto posto, podemos compreender que o objetivo do autor ao detalhar minuciosamente o lugar onde ocorre a narrativa é estabelecer uma relação de caráter espaço-temporal, visto que os personagens principais (o homem de "quase quarenta" e o rapaz de "quase vinte") expõem suas vivências, na tentativa de caracterizar os ambientes distintos da realidade vivida por cada um deles. Outro exemplo dessas referências pode ser visualizado no fragmento a seguir:

Há muitas outras coisas que se poderia dizer sobre esse homem nesta noite turva, neste bar onde agora entra, na cidade que um dia foi a dele. [...] O estranhamento típico dos homens de quase quarenta anos vagando pelas noites de **cidades que, por terem deixado de ser as deles**, tornaram-se ainda mais desconhecidas que qualquer outra. [...] Há muitas outras coisas que se poderia dizer sobre aquele rapaz nesta noite sombria, **na cidade que sempre foi a dele**, neste bar onde agora está sentado à frente de um homem inteiramente desconhecido (ABREU, 2010, p. 66-68, grifos das autoras).

O bar, o local público e de grande movimentação onde os personagens relacionam-se na dinâmica narrativa do conto, executa um papel adverso da sua conotação principal, aqui parecendo intensificar o vazio vivido pelos personagens, expondo a solidão presente em cada um deles: "como é seu nome, qual o seu signo, quer outra cerveja, me dá um cigarro, não tenho grana, eu pago, pode deixar, fazendo o quê, por aí, vendo o que pinta, vem sempre aqui, faz tanto frio" (ABREU, 2010, p. 71). Isso talvez ocorra devido ao fato de a narrativa explorar o cotidiano comum entre ambos os personagens, de forma que não há nada que preceda nem suceda ao encontro descrito no bar. Por essa razão, cria-se certo grau de envolvimento entre os dois homens, nesse local aparentemente neutro e comum ao espaço urbano noturno. Logo, a narrativa, após o encontro, impõe um ritmo e regras determinadas aos personagens.

Assim sendo, salientamos que, em “O rapaz mais triste do mundo”, a narrativa cumpre também a função de estabelecer uma luta por uma representação de algo que, nesse caso, é a subjetividade dos sujeitos e a atividade sobre o mundo instalado na própria ação de narrar, ainda que os envolvidos nesse processo não tenham plena consciência daquilo que buscam. Diante disso e com base na teoria anteriormente apresentada, consideramos pertinente acentuar que, na leitura do *corpus* analisado para esta pesquisa, se relacionam diretamente às questões de gênero sob a luz da Teoria *Queer*, seja pelo processo de reconhecimento ou mesmo de negação da alteridade. Ao comparar os contos “Dama da Noite” e “O rapaz mais triste do mundo” percebemos claramente que em ambos há essa relação de interação, seja entre os personagens ou entre autor e/ou leitores.

Nesse contexto, nos diálogos presentes nos contos de Caio, o discurso do “eu” é capaz de representar a verdade incontestável da realidade, que se convicia a partir do lugar de quem fala. Assim, ela reserva para si o discurso da verdade e, consequentemente, deixa relegado ao outro, e em alguns casos a si mesmo, o desconfortável lugar do diferente, remetendo-os às margens dos valores sociais estabelecidos, como se pode verificar em algumas de suas passagens, presentes nos contos “Dama da Noite” e “O rapaz mais triste do mundo”, respectivamente:

[...] Deixa você passar dos trintas, trinta e cinco, ir chegando aos quarentas e não se casar e nem ter esses monstros que eles chamam de filhos, casa própria nem porra nenhuma. Acordar no meio da tarde, de ressaca, olhar sua cara arrebentada no espelho. Sozinho em casa, sozinho na cidade, sozinho no mundo [...]. [...] (ABREU, 2010, p. 111)

[...] Ele: esse homem de quase quarenta, começando a beber um pouco demais, não muito, só o suficiente para acender a emoção cansada, e a perder cabelo no alto da cabeça, não muito, mas o suficiente para algumas piadas patéticas. Sobre esse espaço vazio de cabelos no alto da cabeça caem gotas de sereno, cristais de névoa, e por baixo dele acontecem certos pensamentos altos de noite, algum álcool e muita solidão [...] (ABREU, 2010, p. 65-66).

Percebemos, então, que em ambos os contos há a presença do fluxo de consciência nas falas de cada um dos personagens-narradores, e tal prática colabora, de forma bastante relevante, na construção de imagens, deles mesmos e do mundo. Estas são focalizadas por ações de alteridade aos respectivos enunciadores, segundo suas interações e por meio das quais se manifestam suas convicções diferenciadas, conforme as contextualizações de suas falas. Nesse sentido, acreditamos que a alteridade passa a acarretar o desdobramento do sujeito em suas posições discursivas, resultando num ponto de vista de uma suposta

imutabilidade do sujeito, em que: “o sujeito da narração, pelo próprio ato da narração, dirige-se a outro e é, em relação a esse outro, que a narração se estrutura” (KRISTEVA, 2005, p. 78).

Em ambos os contos, a rejeição, a exclusão e a rotulagem de um grupo específico de indivíduos desenvolvem-se porque determinadas características são abordadas de forma negativa, resultante de preconceitos atribuídos a todos os indivíduos pertencentes àquele determinado grupo, o que se considera chamar de marginalizados. Ademais, as leituras realizadas sob a temática da alteridade, por sua vez, direcionam-se, de um modo geral, em uma perspectiva que encerra a diferença em si mesma, segundo Jodelet (2005, p. 47-48):

[...] ao designar o caráter do que é outro, a noção de alteridade é sempre colocada em contraponto: não “eu” de um “eu”, “outro” de um “mesmo”, destacando a alteridade como “produto de duplo processo de construção e de exclusão social que, indissoluvelmente ligados como os dois lados duma mesma folha, mantém sua unidade por meio dum sistema de representações”.

Entendemos, portanto, que a autora defende que sua análise deve compreender tanto o nível interpessoal quanto o intergrupal, posto que o homem não é humano senão porque vive em sociedade:

[...] É a sociedade que nos lança fora de nós mesmos, que nos obriga a considerar outros interesses que não os nossos, que nos ensina a dominar as paixões, os instintos, e dar-lhes lei, ensinando-nos o sacrifício, a privação, a subordinação os nossos fins individuais a outros mais elevados. Todo o sistema de representação que mantém em nós a ideia e o sentimento da lei, da disciplina interna ou externa, é instituído pela sociedade (JODELET, 2002, p. 45).

Para tanto, podemos dizer que tais sujeitos que se baseiam em conceitos próprios, marcados por estereótipos, e são pontes para a disseminação do preconceito, do autoritarismo, da violência e da exclusão, encontram consenso em interesses do grupo dominante, utilizando artefatos ideológicos e difundindo a imagem depreciativa do preconceito, no caso em questão, excluído e dominado, com o objetivo de manter a ilusão do equilíbrio e da ordem vivida na ausência da diferença, em que essa condição passa a ser consolidada no imaginário social, como sendo fato natural da inferioridade social de certo grupo sobre outro.

Ainda a respeito de questões envolvendo o tema da alteridade, presente nos contos “Dama da Noite” e “O rapaz mais triste do mundo”, respectivamente, podem-se destacar os seguintes trechos:

[...] “Quem roda na roda fica contente. Quem não roda se fode. Que nem eu, você acha que eu pareço muito fodida? Um pouco eu sei que sim. Mas fala a verdade: *muito?* Falso, eu tenho uns amigos, sim. Fodidos que nem eu. Prefiro não andar com eles, me fazem mal.”. (ABREU, 2010, p. 112)

[...] “E não sou eu quem decide, são eles. Não se deve olhar quando olhar significaria debruçar-se sobre um espelho talvez rachado. Que pode ferir, com seus cacos deformantes. Por isso mesmo hesito.”. (ABREU, 2010, p. 70)

Em ambos os fragmentos aqui transcritos, podemos perceber que a possibilidade de contato com o outro se apresenta de forma bifurcada, agrupando os enunciadores em uma atmosfera de solidão e angústia, aparentemente percebida pela sensação de exclusão. Ela é acentuada também na afirmação da protagonista do conto “Dama da Noite” quando diz: “Eu não sou igual a eles, eles sabem disso” (ABREU, 2010, p. 112).

Outra característica comum entre as obras, referente ao tema observado neste estudo, é a total consciência das personagens principais sobre a questão da exclusão social. Em ambas, os protagonistas, por meio de aspectos aparentemente paradoxais implícitos em suas afirmações, parecem se perceber não pertencentes aos estratos sociais privilegiados e por eles preteridos da sociedade, ao mesmo tempo em que tentam justificar os motivos pelos quais buscam neles estarem inseridos.

No que concerne à exemplificação do conto “Dama da Noite”, destacamos, em seu início, que a protagonista afirma que gostaria de pertencer ao que ela chama de “roda da vida”, olhando de fora, a cara cheia, louca de vontade de estar lá, rodando junto com eles nessa roda idiota. Todavia, no último parágrafo do conto, a fragilidade da personagem é denunciada em sua afirmação, que diz:

[...] dá minha jaqueta, boy, que faz um puta frio lá fora e quando chega essa hora da noite eu me desencanto. Viro outra vez aquilo que sou todo dia, fechada sozinha perdida no meu quarto, longe da roda e de tudo uma criança assustada (ABREU, 2010, p. 118).

Ao mesmo tempo, no conto “O rapaz mais triste do mundo”, já no fim da noite, antes de sair do bar, o narrador afirma: “Quero mais um uísque, outra carreira. Tudo aos poucos vira dia e a vida – ah, a vida – pode ser medo e mel quando você se entrega e vê, mesmo de longe” (ABREU, 2010, p. 79).

Isto dito, compreendemos que os trechos mencionados se mostram bastante comprehensíveis, uma vez que, a partir do conceito de alteridade, os personagens retratam o isolamento e a sua própria exclusão diante das relações sociais com o mundo. Nesse contexto, observamos, portanto, a noção de alteridade sendo utilizada, por muitos, como uma forma de entrar em determinados grupos. Caso contrário, isso só seria possível mediante adequação aos padrões normativos por esses estabelecidos. Sendo, pois, e de algum modo, marcados por alguma diferença, muitos podem abandonar o convívio social em que se encontram por serem considerados ameaças à ordem estabelecida no padrão que se entende por “normal”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das análises dos contos selecionados e da busca por base teórica referente à Teoria *Queer* e à alteridade, verificamos que, com o objetivo de entender os resultados ou as consequências da conjunção entre literatura e sociedade quanto “estruturas” complementares, este trabalho buscou identificar como a Teoria *Queer* e a alteridade estão representadas nas construções dos contos “Dama da Noite” e “O rapaz mais triste do mundo”, de Caio Fernando Abreu. Percebemos, assim, tanto no discurso do primeiro quanto no do segundo conto, a situação de dualidade por eles vivenciada. A sensação de não fazer parte dos padrões sociais, que garante aos indivíduos certo prestígio diante dos demais membros da sociedade, reforça claramente suas posições à margem da sociedade e de seus privilégios.

Nesse sentido, tais análises ressaltam a ideia de que é “na” e “pela alteridade” que a identidade das pessoas é desenvolvida de maneira efetiva, pois, conforme os teóricos já mencionados, só o “outro” é capaz de conferir uma “visão” de singularidades que formularão o sentimento de individualidade, a ideia de aceitação ou exclusão, seja esse sentimento pertencente a um indivíduo ou a um grupo (ZANELLA, 2005).

Isto posto, os dois contos podem ser analisados como forma de autonegação por parte dos narradores. Além de que a percepção das identidades se constrói como reflexos de espelhos, em que a imagem do “não eu” é a mesma do “eu”, de possíveis formas de identidade ou semelhança com o outro. Esse aspecto, de certa forma, recai na ação de alteridade, evidenciada em suas posições na esfera da exclusão social.

É neste vasto mundo de desintegração das estruturas sociais tradicionais, discriminações, preconceitos, desigualdades sociais, vivências marcadas pela emergência de subjetividades fragmentadas e pela politização do corpo, que são construídos os escritos

de Caio Fernando Abreu. Assim, compreendemos, a partir das análises apresentadas, que, em ambas as narrativas, os estereótipos particulares da sociedade são usados como meio de contestação à discriminação, à repressão, à violência, ao autoritarismo ou ao preconceito, levando o autor a assumir um compromisso social, voltado à defesa da prática da ação de alteridade.

REFERÊNCIAS

- ABREU, C. F. Dama da Noite. In: ABREU, C. F. **Os dragões não conhecem o paraíso**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.
- ABREU, C. F. O rapaz mais triste do mundo. In: ABREU, C. F. **Os dragões não conhecem o paraíso**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.
- ALÓS, A. P. Narrativas da sexualidade: pressupostos para uma poética queer. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis (SC). v. 18., n. 3., p. 837-864, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/qct6T7rqY7HDJyXkZwBhJdp/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28 ago. 2021. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2010000300011>
- BUTLER, J. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo In: LOURO, G. L. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- GUSMÃO, N. M. M. Linguagem, cultura e alteridade: imagens do outro. **Cadernos de Pesquisa**. Faculdade de Educação da UNICAMP. n. 107, jul., p. 41-78, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/n107/n107a02.pdf>. Acesso em: 19 de ago. 2021.
- JODELET, D. A alteridade como produto e processo psicossocial. In: ARRUDA, A. (Org.). **Representando a alteridade**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- JODELET, D. Experiência e representações sociais. In: MENIN, M. S. S.; SHIMIZU, A. M. **Experiência e representação social: questões teóricas e metodológicas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.
- KRISTEVA, J. **Introdução à semianálise**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- LOURO, G. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e Teoria Queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- LUGARINHO, M. C. Como traduzir a Teoria Queer para a língua portuguesa. **Revista Gênero**. Universidade Federal Fluminense. v. 1., n. 2., p. 36-46, 2001. Disponível em: <http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/view/362>. Acesso em: 19 ago. 2021. <https://doi.org/10.22409/rg.v1i2.362>

ROLNIK, S. À sombra da cidadania: alteridade, homem da ética e reinvenção da democracia. In: MAGALHÃES, M. C. R. (Org.). **Na sombra da cidade**. São Paulo: Escuta, 1995.

ZANELLA, A. V. Sujeito e alteridade: reflexões a partir da psicologia histórico-cultural. **Psicologia & Sociedade**. v. 17., n. 2., p. 99-104, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/RYcScYgsPrJgpLtK9C7BhcP/?lang=pt>. Acesso em: 25 ago. 2021. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822005000200013>

Recebido em: 17 set. 2021.

Aceito em: 09 dez. 2021.